

Dezenove Som e Imagens/Divulgação

ELAS VÃO À LUTA

RICARDO DAEHN

DA EQUIPE DO CORREIO

A favor da harmonia da produção cinematográfica, um corpo estranho, que atende por Carlos Reichenbach, se entranhou na plataforma dos cineastas reconhecidos, num saudável contrassenso. Com a extrema vivência da Boca do Lixo, ele traz consigo (e em Falsa loura) a dualidade de investir em ampla pesquisa nas classes menos favorecidas para, em seguida, abastecer um universo bastante ficcional. O imperante e contemporâneo realismo, exacerbado e explorado à exaustão nas telas, parece sufocar as possibilidades do que é criativo. Por sorte, Reichenbach respira, e na contracorrente.

Cinismo e inocência coadunam no longa-metragem, criando estranhamento acentuado ainda pela opção de embelezar o cotidiano do proletariado. Com qualidades técnicas irretocáveis — há da fotografia de Jacob Solitrenick (Bellini e a esfinge) à perfeição do som (imprescindível para o quê de musical) —, Falsa loura testa uma veia à la Walter Hugo Khouri do rústico cineasta riopaulistano-grandense. A sordidez reside nos homens, enquanto as mulheres galgam merecidos pedestais. Extremado, o filme aposta em caricaturas masculinas para traçar um conto de fa(o)das



ROSANNE MULHOLLAND E DJIN SGANZERLA: CRESCENTE VERACIDADE

para as moças sem fino trato, no qual a “capinha do príncipe”, literalmente, atende por prepúcio.

O supracolorido filme traz ainda esperados tipos semigrotescos, caros ao diretor. Os excessos transparecem nas desmedidas palavras das personagens, nas embutidas piadas cinematográficas e, infelizmente, no despropósito do alongamento dos números musicais. Sarcástica, a fita atinge a crucial denúncia da coisificação das mulheres e, comedidamente, atinge tópicos do preconceito. Por sorte, nada vem a reboque de fundadas teorias.

Num dos melhores momentos, com a sensível pegada vista em Dois Córregos, o filme se apropria do deslumbramento idealizado (e kitsch), num haras que tem como forasteira a protagonista, Silmara (Rosanne Mulholland), uma operária submersa em sonhos. A princípio irregular na interpretação, Mulholland progressivamente faz

crescer a veracidade da personagem, antes envolta numa casca de arrogância e auto-suficiência. A loura do título, daí, deixa a condição de araque.

Numa assumida noite de homenagens entre os dois curtas-metragens exibidos na noite de sábado, Enciclopédia do irracional e do inusitado (☆☆) extraiu graça de um roteiro um tanto débil, mas divertido, todo filmado em preto-e-branco e referente ao terror. A comédia de Cibele Amaral teve entre os méritos a boa interpretação do casal protagonista, Mallu Moraes e Wolney de Assis. Reforçando (nos créditos) a óbvia admiração por Michelangelo Antonioni e Ingmar Bergman, Fernando Coimbra espantou com o acabamento do silencioso (mas expressivo) Trópico das cabras (☆☆☆☆), um road movie paulista fixado num casal em crise, separado pela lacuna de uma geração.